
Etnografia da comunicação em espaços digitais: caminhos para uma abordagem interseccional¹

Luiza Dias de Oliveira²
Thiago Álvares da Trindade³
Universidade Federal de Santa Maria, RS

RESUMO

O presente artigo procura aproximar a etnografia para a internet (HINE, 2015) com o campo da comunicação, além de propor uma abordagem interseccional para conduzir uma investigação contra-hegemônica nos espaços digitais. Para isso, é proposto uma reflexão sobre uma abordagem teórico-metodológica (PEIRANO, 2014) reflexiva e atenta a elementos alternativos na internet. A contemplação de fenômenos digitais em proximidade com categorias como raça, gênero e classe corrobora para o desenvolvimento de lentes interpretativas necessárias para contestar verdades tidas como sólidas. Assim, esse artigo desenvolve caminhos etnográficos capazes de ater-se aos fenômenos nos espaços digitais a partir de uma perspectiva interseccional no campo da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia; Internet; Culturas Digitais; Interseccionalidades; Comunicação.

INTRODUÇÃO:

A presença massiva de aparatos tecnológicos e plataformas online corrobora para que a conectividade seja uma realidade presente em inúmeras esferas de nossa sociedade. Para muitos, essas tecnologias possibilitam a multiplicação da produtividade, a dissolução de barreiras e o acesso à informação. Atualmente, o Brasil tem mais de quatro quintos da sua população conectada à internet⁴. O grande contingente de usuários

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), linha de pesquisa: Mídias e Identidades Contemporâneas. Bolsista Capes. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação em rede, identidades e cidadania. E-mail: diasoliveira.luiza@gmail.com.

³ Doutorando do programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), linha de pesquisa: Estratégias Comunicacionais. Bolsista Capes. Integrante do Grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais. E-mail: thiagoatrindade95@gmail.com.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

⁴ Fonte:

<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/06/21/81percent-da-populacao-brasileira-acessou-a-internet-em-2021-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 15 de julho de 2022.

navegando online capacita a compreensão de que os espaços digitais tornaram-se um ambiente da mais alta valia para as pesquisas no campo da comunicação.

Não há dúvidas de que os cenários digitais se tornaram um verdadeiro espaço por disputas de poder entre indivíduos, plataformas e corporações, favorecendo a relevância para a perspectiva comunicacional. De certo modo, a presença massiva destes aparatos corroborou para dois fatores: (i) que estes itens transformassem nossos modos de ser e estar no mundo; (ii) e para que mudássemos os sentidos destes objetos a partir do nossas apropriações culturais (MILLER, et. al., 2016). De acordo com as contribuições de Christine Hine (2015), a internet pode ser compreendida como um artefato cultural incorporado, corporificado e cotidiano, o qual representa mutações diante das múltiplas apropriações culturais. Assim, entendemos que uma perspectiva cultural é necessária para compreender o cenário digital diante dos estudos da comunicação, para que possamos encarar estes objetos sem perspectivas deterministas.

Nessa seara, estudos de ordem quantitativa e qualitativa debruçaram-se sobre esse cenário que passou a compor o cotidiano de muitos usuários. Entre as múltiplas perspectivas para analisar o campo da internet, entendemos que a etnografia se mostra uma abordagem teórico-metodológica pertinente para a compreensão dos múltiplos fenômenos que atravessam essa esfera na contemporaneidade. De acordo com Christine Hine (2015), a internet contemporânea deve ser vista como um artefato cultural incorporado, corporificado e cotidiano capaz de atuar no modo em que ocorrem as relações pessoais dentro e fora do espaço virtual. Esse modo de encarar a rede mundial de computadores corrobora para que a internet seja compreendida como um item inserido na cultura, modificado pelos seus usos e apropriações.

Logo, a essência etnográfica, a qual preza pelo trabalho interpretativo das culturas, é de mais valia para o desenvolvimento de novos olhares sobre fenômenos e práticas que acompanham a sociedade conectada. Em razão de seu aspecto interdisciplinar, a etnografia corrobora para a formação de diferentes lentes interpretativas, frutos dos entrecruzamentos das fronteiras disciplinares (SILVA & MACHADO, 2020). A etnografia, portanto, se apresenta muito além do que um método, mas como uma abordagem teórico-metodológica (PEIRANO, 2014) plural e adaptável aos distintos campos de pesquisa, sejam eles online ou offline (SILVA & MACHADO, 2020, p. 863).

Ademais, a etnografia é uma abordagem de proximidade fértil para os estudos da comunicação a partir de suas adaptações possíveis (CAIAFA, 2019; PEREIRA, 2022). Sua composição prática e teórica tem como base a confrontação de saberes tidos como absolutos e a revisão teórica que ocorre a partir das leituras etnográficas realizadas antes do exercício do trabalho de campo, para posterior formação de lentes interpretativas (PEIRANO, 2014). Para tal, a etnografia é capaz de englobar os aspectos derivados do campo da internet, o qual está imbricado nas práticas de inúmeros indivíduos (HINE, 2015). Portanto, o cenário digital revela oportunidades e desafios para pesquisadoras e pesquisadores do campo da comunicação que se defrontam com um amplo espectro de fenômenos, além de conceber os aspectos que derivam de uma infraestrutura digital, moldada por plataformas e corporações digitais que passam a compor a rotina dos usuários conectados à internet (VAN DIJCK, et al., 2018).

A interface da comunicação com a antropologia chama atenção para as manifestações culturais que derivam das relações sociais mediante uma sociedade cada vez mais marcada pela presença de meios de comunicação, tecnologias da comunicação e artefatos culturais que correspondem ao cenário comunicacional. De acordo com Silva e Machado (2020), a perspectiva de uma abordagem teórico-metodológica da etnografia colabora para a compreensão dos usos e apropriações⁵ dos artefatos da cultura, a partir das experiências antropológicas no campo de pesquisa e das maturações teóricas desenvolvidas no exercício de leituras etnográficas. A atenção à subjetividade das práticas cotidianas demarca o olhar capaz de interpretar moralidades, efeitos e subjetividades que permeiam estes eventos e que, muitas vezes, vão além das narrativas e discursos daqueles que compõe a pesquisa (MILLER, et al., 2016; MILLER, et al., 2021; SILVA & MACHADO, 2020).

Um viés interpretativo que busca ir além das bases dominantes preza por uma abordagem etnográfica interseccional, capaz de contrabalançar padrões e condutas tidas como sólidas e incontestáveis em cada sociedade. Em suma, a crítica às convenções sociais e culturais corrobora para que elementos provenientes da intersecção com gênero, classe e raça possam ser vistos com aspectos de atenção por parte do olhar etnográfico, trazendo o lugar de fala da pesquisadora e do pesquisador e ressignificando

⁵ Aqui entendidos como sinônimos.

a conduta de pesquisa o qual foi formada sob uma base de violências eurocêntricas e coloniais derivadas das etnografias clássicas.

Por fim, as proposições aqui expostas não têm a intenção de desenvolver um percurso etnográfico fechado, pois este não é o papel da etnografia enquanto abordagem teórico-metodológica de pesquisa. O caminho proposto a partir de sugestões e recomendações é construir um percurso metodológico capaz de atentar não somente às tecnologias, mas também às pessoas, suas relações com estes artefatos, além de olhar de modo contra-hegemônico para perspectivas de classe, raça, gênero e outras intersecções presentes nessa seara. O papel da etnografia é desenvolver um estudo sobre os eventos e fenômenos existentes em uma determinada sociedade, contudo, compreender os caminhos de como as pessoas mudaram estes artefatos digitais e como estes artefatos transformaram o cotidiano (MILLER, et al., 2016) das pessoas, a partir de um recorte previamente determinado, é essencial para que a relação entre indivíduo e aparato técnico seja analisada de modo crítico e sem determinismos.

ABORDAGEM ETNOGRÁFICA DA COMUNICAÇÃO PARA A INTERNET

As primeiras etnografias tiveram como sua marca o trabalho interpretativo das culturas a partir de longos períodos de contato com grupos sociais distantes. O exercício etnográfico realizado por Malinowski (1978) e Mead (2016) era realizado de modo prático a partir da observação participante e contato próximo (GEERTZ, 2005) com tribos distantes, comunidades do pacífico e grupos pouco conhecidos pelo olhar eurocêntrico. De todo modo, o trabalho interpretativo da etnografia centrado na coleta, interpretação e categorização de dados empíricos pertencentes ao nível cultural (MACHADO, TOMAZETTI, 2015) manteve-se como um dos principais cerne dos estudos etnográficos, aliado ao trabalho de campo. Portanto, a analogia ao mergulho na cultura do outro, proposta por Geertz, viabiliza que a etnógrafa e o etnógrafo realizem observações com riqueza de detalhes em relação às práticas e eventos de uma determinada cultura (GEERTZ, 1998; WINKIN, 1998).

O fazer etnográfico desenvolve sua força interpretativa a partir da atenção aos sentidos, como o olhar, a escuta e a escrita (OLIVEIRA, 2006). Assim, a percepção das subjetividades e das técnicas que fogem ao familiar (VELHO, 2003) compõem o

trabalho da pesquisadora e do pesquisador no(s) campo(s) de pesquisa fazendo com que os mesmos participem do cotidiano do grupo estudado (GEERTZ, 2003; MILLER & SLATER, 2004). Segundo Travancas etnografia é composta por técnicas de coletas e caminhos metodológicos plurais, e a preparação e estudo inicial do campo de pesquisa favorece o diálogo entre os dados e sua posterior interpretação. (TRAVANCAS, 2011).

Para Pink e autores (2019), uma das características dos estudos etnográficos é sua capacidade reflexiva, o qual mantém constante alerta sobre seu exercício e demais elementos que são visualizados durante a atividade de campo. A ordem qualitativa da descrição etnográfica atenta às práticas, transformações dos sujeitos que fazem parte do cotidiano do campo de pesquisa, ou aquilo que o antropólogo João Biehl chama de “artes de existir das pessoas” (BIEHL, 2020, p. 18). Nas palavras do antropólogo, a etnografia é “uma forma de permanecermos ligados a processos sociais abertos, mesmo furtivos, e ao não pensado – é uma forma de contrabalançar certezas absolutas produzidas por outras disciplinas” (BIEHL, 2020, p. 18). De tal forma, as vivências da pesquisa mesclam as subjetividades e as histórias compartilhadas junto aos participantes que compõem a etnografia. Portanto, o fazer etnográfico deve levar em consideração os aspectos subjetivos dos seus participantes, favorecendo para que as histórias e práticas compartilhadas em espaços online e offline possam ser apresentadas por uma ótica colaborativa, o qual não impere a lógica extrativista e colonialista capaz de expor somente argumentos preponderantemente parciais da ótica da pesquisadora e do pesquisador.

A característica crítica e reflexiva que auxilia a etnografia a construir seu percurso de observação e pesquisa também favorece para que o trabalho da etnógrafa e do etnógrafo não desenvolvam juízos de valor frente às práticas observadas em campo. Outrossim, a relação entre interlocutor e pesquisador é constituída a partir de elos de confiança que corroboram para a permanência da etnógrafa e do etnógrafo no campo pesquisado e para os elementos que surgem desta relação de proximidade. Para tal, a abordagem teórico-metodológica de etnografia oferece um prisma de observações capacitado para compreender a dinamicidade e transformações que ocorrem neste campo de pesquisa que une espaços online e offline. O entendimento destes princípios reconhece que realidades online e offline não podem ser compreendidas de modo separado, visto que essas esferas compõem instâncias complementares da experiência

de estar conectado (MILLER, SLATER, 2004). Logo, as diretrizes de um campo de estudo interdisciplinar e crítico corroboram para que a etnografia direcione seu olhar para os ambientes e fenômenos digitais (HINE, 2015), além de compreender os fenômenos que emanam de uma sociedade cada vez mais conectada. A etnografia expressa-se como um local de múltiplas possibilidades e mudanças “imprevisíveis” quando no trabalho teórico, mas identificadas durante o exercício da observação participante.

O advento da internet traz novos desafios para a etnografia, recorrendo para que cada vez mais pesquisadoras e pesquisadores possam desenvolver estratégias para o desenvolvimento das suas pesquisas. Portanto, refletir sobre a internet na contemporaneidade é considerar a existência de apropriações que são distintas e que surgem da relação entre indivíduo e aparato técnico dentro do recorte contextual, histórico e cultural. De acordo com Hine, o foco do desenvolvimento metodológico da etnografia está em uma abordagem para a internet, e não na internet (HINE, 2015). À vista disso, a autora compreende a internet como um objeto/lugar cultural presente e imbricado em nossa sociedade e que apresenta diferentes significados de acordo com sua apropriação e uso pelas culturas.

Logo, a etnografia para internet procura seguir conexões constituídas por seus usuários. As noções de espaço também sofrem alterações de acordo com a perspectiva de Christine Hine, sendo assim, a decisão sobre “onde o etnógrafo deveria ir precisa ser tomada a partir de uma combinação de motivações pragmáticas e teoricamente sensíveis” (HINE, 2015, p. 9). Hine defende a etnografia como uma prática sensível, atenta aos detalhes, autorreflexiva e holística, sendo necessário, para o último elemento, uma ambição de entender a internet como um elemento contextual e criador de contexto (HINE, p. 10). Assim, a autora aponta que a internet dos dias atuais apresenta desafios metodológicos a serem vencidos, pois a rede mundial de computadores se comporta como elemento incorporado, corporificado e cotidiano⁶, que serão debatidos a seguir.

Essa teorização é uma das grandes contribuições de Hine para os estudos da etnografia voltada para a internet. Para a autora, a rede mundial de computadores é incorporada porque é “entrelaçada em um uso com múltiplas formas de contexto e estruturas de produção de sentido” (HINE, 2015, p. 33). Logo, a internet é

⁶ embedded, embodied and everyday.

caracterizada como elemento entremado às práticas cotidianas, com diferentes apropriações e usos. Por isso, torna-se invisível, na medida em que é apropriada na construção de significados das atividades humanas. Em sequência, a internet corporificada representa que as experiências digitais são integradas ao nível do corpo. As identidades criadas no ambiente virtual são apenas consequências inseparáveis das experiências físicas. Contudo, é necessário estar sensível e capaz de entender o digital como elemento que também nos molda como humanos. Por fim, a internet é cotidiana porque se integra às rotinas mundanas de inúmeros indivíduos. Assim, a autora não somente entende a internet como elemento presente nas práticas diárias, mas também é possível compreendê-la como estrutura (PAASONEN, 2020), na qual estamos inseridos e que carrega dados e bits em quantidades gigantescas. Logo, a pesquisadora e o pesquisador devem estar atentos às lógicas econômicas que guiam os modos de uso e que são estruturados pelas grandes corporações de tecnologia, para assim capturar os aspectos da internet e os quais já estão arraigados nos usos dos indivíduos.

Estes elementos presentes no entendimento da internet corroboram para o desenvolvimento de uma lente interpretativa capaz de auxiliar na compreensão das práticas e cenários digitais. Logo, os princípios expostos por Hine são de mais valia para os estudos da comunicação em decorrência de sua capacidade de atentar às práticas e fenômenos dos espaços digitais a partir de um viés subjetivo e holístico, que também é capaz de ponderar sobre os efeitos da infraestrutura digital que cerceia estas atividades.

Logo, o que propomos a partir de sugestões e recomendações é construir um percurso metodológico para o campo da comunicação e que seja capaz de atentar não somente aos aparatos técnicos oriundos do campo digital, mas atento às subjetividades que emanam das relações entre categorias de raça, gênero, classe e demais outras que estão em proximidade com as práticas digitais na contemporaneidade.

Em resumo, é papel da etnografia desenvolver um estudo a fim de compreender como as pessoas se apropriam destes artefatos digitais e como estes artefatos transformaram o cotidiano destes indivíduos a partir de um recorte histórico, cultural e social previamente determinado (MILLER et al., 2016). Portanto, a abordagem de uma etnografia para internet auxilia na percepção de que os usos e apropriações dos artefatos digitais são carregados de significados quando inseridos em uma cultura e período histórico. Por fim, um viés interpretativo capaz de contemplar panoramas alternativos é

apto para o desenvolvimento de uma abordagem etnográfica interseccional crítica e não ingênua.

A INTERSECCIONALIDADE NO CONTEXTO ETNOGRÁFICO

Assim como a sua própria definição, que coloca a interseccionalidade como campo tanto teórico, como de práxis, a sua origem se deu dentro do campo dos movimentos sociais. Ignoradas pelo movimento feminista, que abraçava apenas as mulheres brancas e de classe alta, e pelo movimento antirracista, que focava nos direitos dos homens negros, as mulheres negras foram excluídas e negligenciadas. A partir desta necessidade, surge o movimento feminista negro, com pautas que incluíam as questões de gênero e raça interseccionadas: “há mais de 150 anos, mulheres negras invocam a interseccionalidade e a solidariedade política entre os Outros” (AKOTIRENE, 2018).

O conceito de interseccionalidade, ainda que definido teoricamente por Kimberlé Crenshaw na década de 1990, no âmbito do campo do Direito, foi construído no bojo dos movimentos sociais, especificamente o feminista negro, chicano, indígena asiático-americano, distribuído pelas américas (COLLINS; BILGE, p. 97, 2021). Pouco antes, na década de 1980, no contexto brasileiro, Lélia González já tratava sobre as intersecções entre gênero e raça, mesmo que não atribuísse um nome específico ao que estudava. Angela Davis, ativista, filósofa e professora, abordou as questões de gênero, raça e classe no seu livro “Mulheres, Raça e Classe”, de 1983. Ou seja, o movimento feminista negro vinha, como diz Akotirene (2018), há mais de uma centena de anos apontando para as opressões sofridas pelas mulheres negras, tanto no contexto estado-unidense, quanto no latino-americano.

Crenshaw teorizou a interseccionalidade como:

uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Conforme a autora, os eixos de poder ou de opressão podem ser pensados como avenidas. Esses eixos podem ser de gênero, raça, classe, orientação sexual, nacionalidade, etc. No entanto, é preciso compreender que eles não são excludentes ou que devem ser somados. Esses eixos, assim como avenidas, se cruzam, criando diferentes intersecções. Assim, o trânsito flui em diferentes direções, o que pode causar colisões. Ou seja, diferentes vulnerabilidades podem ser acionadas ao mesmo tempo. Assim, uma análise interseccional é essencial para a criação de novas políticas públicas, a fim de que todas as mulheres sejam atendidas nas suas diferentes nuances e necessidades (CRENSHAW, 2002).

Para Crenshaw (2002, p. 182), o olhar analítico deve repousar nas diferentes formas de subordinação, ou corre o risco de ser insuficiente e, até mesmo, discriminante. As informações desvendadas podem levar a um melhor entendimento sobre os problemas e condições enfrentados pelas mulheres que são cruzadas por diferentes intersecções.

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são “diferenças que fazem diferença” na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação (CRENSHAW, 2002, p. 173).

Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) têm um livro inteiro dedicado a discutir o conceito de interseccionalidade e sua aplicação prática. As autoras reconhecem a heterogeneidade tanto da concepção, quanto dos usos da interseccionalidade, além da necessidade de se enxergar as situações com lentes plurifocais, ou seja, reconhecendo diferentes desigualdades sociais, interseccionais. “*O domínio interpessoal do poder* refere-se ao modo como os indivíduos vivenciam a convergência de poder estrutural, cultural e disciplinar” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 28, grifo das autoras). Quer dizer, as “identidades complexas” são formadas pela identificação com diversos grupos, a título de exemplo, citamos gênero, classe e raça. Assim, o olhar interseccional busca enxergar essas diferenças, as experiências individuais, complexificadas a partir de diferentes cruzamentos de categorias.

Neste sentido, defendemos a importância de um olhar interseccional dentro da etnografia. Conforme Carrera (2021, p. 8), nesta perspectiva teórico-metodológica, “há

o momento necessário de demarcação do locus de enunciação ou lugar de fala do pesquisador, questionando os limites da trajetória pessoal que podem regular os resultados das suas análises". Assim, em um primeiro momento, cabe à etnógrafa e o etnógrafo entender as suas limitações para a análise, considerando, inclusive, a forma como a etnografia deve ser uma descrição densa das culturas. Desta forma, o próprio ponto de partida, observação, análise e direcionamentos devem ser percebidos de forma a levar em consideração o lugar de enunciação particular.

De forma complementar, considerando que não é suficiente apenas se colocar dentro da pesquisa, a partir de diferentes avenidas identitárias, compreendemos que levar em conta as interseccionalidades dentro de cada realidade pesquisada se faz necessário. Por exemplo, quando queremos pesquisar o consumo de smartphones por mulheres de classes populares, estamos, automaticamente, invocando a intersecção de gênero. Mas, para além disso, também temos marcadores de classe e, muitas vezes, de raça. É preciso levar em consideração as diferentes camadas que compõem o todo pesquisado, ou seja, como o impacto das intersecções vai afetar esse consumo.

O objetivo fundamental é identificar as marcas, os rastros destas avenidas de opressão que se revelam nas interações cotidianas, na comunicação midiática e nas representações discursivas. É mostrar, também, como a comunicação se constrói também a partir de estruturas interseccionais. Baseada e completamente atrelada à iniciativa de Crenshaw (1989), cujo princípio era a busca por igualdade em sistemas jurídicos, aqui se busca perceber como opressões interseccionais rasuram a subjetividade, os discursos, os produtos e espaços comunicacionais, e podem ser fundamentais para a composição dos sujeitos e dos seus comportamentos em interação. Nesse sentido, não se negligencia aqui o *ethos* de justiça social, essencial a qualquer aplicação do conceito. A interseccionalidade em Comunicação serve, portanto, como um aparato para expor injustiças representacionais e discursivas, propondo ferramentas de equidade (CARRERA, 2021, p. 9 e 10).

Apesar da reflexão de Carrera (2021) ser mais voltada à Análise de Discurso, a autora traz informações valiosas para a perspectiva etnográfica a partir de um olhar interseccional. Dentro da comunicação, observar essas questões significa estar atento para as diferentes opressões e como elas afetam não apenas os usos e apropriações das mídias sociais digitais, mas também as mediações, os acessos, ou seja, surgem pistas que dão conta de um contexto muito mais amplo e diretamente relacionado ao consumo.

Quando pensamos em um mergulho na cultura do outro, conforme teorizado por Geertz (1998), devemos levar em conta que qualquer cenário social é apresentado conforme determinadas concepções. Mesmo diferentes locais em uma mesma cidade

podem apresentar um campo extremamente variado no que diz respeito à multiplicidade de pessoas, culturas, hábitos e formas de comunicação. Levar em consideração as diferentes avenidas identitárias, neste sentido, é assimilar que o contexto comunicacional é afetado pelos entrecruzamentos que compõem tanto os enunciadores, quanto os receptores. Desta forma, uma abordagem etnográfica interseccional faz completo sentido dentro do campo da comunicação, mas, para além disso, se faz necessária no contexto atual do campo da comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou a partir de uma discussão teórica tratar sobre a etnografia para internet como uma abordagem de relevância para os estudos do campo da Comunicação. Logo, compreendemos que uma perspectiva capaz de ater aos elementos que dialogam com temáticas internacionais apresentam um contraponto inicial para estremecer configurações diante da esfera digital tidas como incontestáveis. O percurso investigativo proveniente das abordagens etnográficas para internet procura de modo híbrido, reflexivo e não estático investigar questões em proximidade com as práticas culturais de cada indivíduo compreendendo as atividades presentes em ambientes online e offline. Portanto, a aplicação de uma abordagem teórico-metodológica capaz de confrontar saberes hegemônicos se mostra de mais valia para os estudos comunicacionais na contemporaneidade.

Destaca-se, no entanto, que a etnografia para a internet não é consenso entre os antropólogos. Alguns com pensamentos mais clássicos acreditam que o fazer etnográfico requer que a pesquisadora e o pesquisador façam o deslocamento, ou seja, se insiram presencialmente em uma sociedade distante. Atualmente, percebe-se que esse deslocamento para áreas desconhecidas não é mais necessário, considerando as aplicações da etnografia na própria sociedade da etnógrafa e etnógrafo, sem ser necessário partir para um local caracterizado como exótico, desconhecido. Essencial é a aplicação dos preceitos básicos: a observação participante, a manutenção do diário de campo, as entrevistas como forma complementar de coleta de dados, e a descrição densa resultante das incursões em campo, seja ele online ou offline (MILLER; SLATER, 2001).

Mas, para além da discussão teórico-metodológica já pavimentada sobre a etnografia, tanto na comunicação, como em outros campos do saber, propomos um olhar interseccional não como complemento, mas como central nesta discussão. Estar imerso em uma cultura pressupõe estar atento a todas as avenidas identitárias que se cruzam e compõem sujeitos. Capazes de afetar as formas de comunicação, os usos e apropriações, as intersecções causam efeitos em todo o processo comunicativo, tanto na produção, quanto na recepção. Por isso, acreditamos que a utilização de lentes multifocais (COLLINS, BILGE, 2021) são essenciais no processo etnográfico dentro da comunicação.

Assim, reiteramos a importância de percursos e caminhos que auxiliem no desenvolvimento de uma lente interpretativa plural, capaz de ater-se a marcadores da pesquisa que são alternativos e contra-hegemônicos. Isso significa desenvolver pesquisas que estejam atentas ao contexto social brasileiro, capaz de afetar as sociabilidades, comunicação e processos. Desta forma, os resultados terão mais congruência, sendo capazes de compreender diferentes nuances que, sem um olhar interseccional, seriam ignoradas.

Por fim, esse texto teórico é de relevância para os estudos da internet, pois aproxima uma abordagem originária do campo antropológico, reestruturando um olhar não colonialista e interseccional para os fenômenos e cenários que compõem a internet cotidiana. Compreendendo a internet, seus usos e apropriações como importantes focos do campo comunicacional, salientamos a necessidade de lentes multifocais, ou seja, capazes de salientar elementos alternativos que derivam das relações pessoais dentro e fora dos espaços digitais e que sejam visualizados a partir de um recorte histórico, cultural e social. Logo, o presente estudo não busca traçar um guia para o desenvolvimento de uma etnografia para internet interseccional na comunicação, mas desenvolver reflexões para os exercícios de etnografias futuras capazes de visualizar aspectos que derivam dos entrocamentos de aspectos raciais e culturais que compõem nossos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AKOTIRENE, CARLA. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

BIEHL, João. Do certo ao Inacabado: uma aproximação com a criação etnográfica. In. **Mana**. v. 2026, n.3. Rio de Janeiro, 2020. p. 1-33.

CAIAFA, Janice. Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**. Vol. 7, nº 14, julho-dezembro, 2019.

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. **E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. V. 24, p. 1-22. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2198>. Acesso em julho de 2022.

COLLINS, Patricia Hill Collins; BILDE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberly. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**. Ano 10. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTp4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em junho de 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday**. London: Bloomsbury, 2015.

MACHADO; Alisson; TOMAZETTI, Tainan Pauli. Comunicação e etnografia: refletindo práticas sociotécnicas e interações online. In: **Anais do 10º Encontro Nacional de História da Mídia**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. p. 1-15.

MALINOWSKI, Bronisław Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural. 1978.

MEAD, Margaret. **Coming of Age oin Samoa: A Psychological Study of Primitive Youth for Western Civilisation**. New York: Harper Perennial. 2016

MILLER. Daniel; HORST A. Heather. **O digital e o humano: prospecto para uma antropologia digital**. In: **Parágrafo**. v. 2, n. 3, jul/dez de 2015.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. In: **Horizontes Antropológicos**. a. 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MILLER, Daniel; COSTA, Elisabetta; HAYNES, Nell; MCDONALD, Tom; NICOLESCU, Razvan; SINANAN, Jolynna; SPYER, Juliano; VENKATRAMAN, Shriram. **How the World Change the Social Media**. London: UCLPRESS. 2016.

MILLER, Daniel; ABED RABHO, Laila; AWONDO, Patrick; DE VIRES, Maya; DUQUE, Marília; GARVEY, Pauline; HAAPIO-KIRK, Laura; HAWKINS, Charlotte; OTEAGUI, Alfonso; WALTON, Shireen; WANG, Xinyuan. **The Global Smartphone: Beyond a youth**

technology. London: UCL PRESS. 2021.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **Revista de Antropologia**. V. 39. N. 1. São Paulo: USP, 1996.

PAASONEN, Susanna. **Dependent, Distracted, Bored**: Affective Formations in Networked Media. Cambridge: MIT Press, 2021.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é Método. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, a. 20, n. 42. Porto Alegre, p. 377-391, jul./dez. 2014. p. 377-391. Disponível em: <https://bit.ly/3nWlgs5>. Acesso em 10/03/2017.

PINK, Sarah; HORST, Heather; POSTILL, John; HJORTH, Larissa; LEWIS, Tani; TACCHI, Jo. **Etnografia digital**: principios y práctica. Ediciones Morata S.L: Madri, 2019.

PEREIRA, Camila Rodrigues. A Comunicação de mãos dadas com a Etnografia. In: Bruno Kegler, Gibsy Lisiê Soares Caporal (Orgs.). **Perspectivas Metodológicas em Comunicação: Reflexões e Relatos de Pesquisa**. Santa Maria: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, 2022. p. 20-33.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: Duarte Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

SILVA, Sandra Rubia; MACHADO, Alisson. Diálogos Com Daniel Miller No Campo Da Comunicação: Reflexões A Partir Das Pesquisas Do Gp Consumo E Culturas Digitais. In: **Revista Sociologia E Antropologia**, v. 10, p. 861-886, 2020.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. London: Oxford University Press, 2018.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas, SP: Papius. 1998.